

Entrevista com o historiador **Marcelo Badaró**, professor titular da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1) Como você vê a discriminação racial no Brasil atual? Quais seriam, em sua opinião, as suas origens históricas?

É muito comum ouvirmos que as origens históricas da discriminação racial entre nós estão na escravidão. Acredito que isto é apenas parcialmente correto. O racismo brasileiro não é uma decorrência inevitável da escravidão, mas resulta de opções das classes dominantes para conduzir o fim da escravidão neste que foi o último país a aboli-la nas Américas. Premida pela pressão internacional contra a escravidão e pela luta interna dos trabalhadores escravizados pela liberdade, a classe dominante senhorial agarrou-se com unhas e dentes às concepções racialistas da ciência européia da segunda metade do século XIX, que justificava a nova onda de conquistas coloniais da África e da Ásia com a tese de que negros e amarelos eram racialmente (biologicamente) inferiores aos brancos. Daí que a colonização e a pilhagem imperialista fossem apresentadas como um "fardo do homem branco", que tinha por "dever" levar a civilização a povos menos evoluídos. No Brasil, tais concepções justificavam, na fala dos proprietários de escravos e de seus prepostos - na política, nas escolas de direito e medicina, nos jornais -, a duração da escravidão e uma proposta de resolução da "questão da mão-de-obra" que não apresentava garantia de direitos para os ex-escravos.

Nas áreas de ponta da produção agrícola de exportação (as lavouras de café), defendia-se a importação de brancos (imigrantes europeus), para suprir a necessidade de trabalho e aliviar a tensão social decorrente da luta pela liberdade. Segundo aquele cientificismo racialista, era preciso "embranquecer" os brasileiros, pois a presença da raça negra (e para alguns sua miscigenação com os brancos) era a principal razão do atraso pátrio. É neste processo que acredito que devemos buscar as origens do racismo brasileiro.

Quando, a partir dos anos 1930, setores da intelectualidade passaram a questionar as teses racialistas, o fizeram de forma extremamente parcial, afirmando que a miscigenação não representava um entrave ao nosso desenvolvimento, mas sim o surgimento de uma raça, ou um tipo humano, brasileira/o, própria/o, adaptada/o ao meio. Ou seja, embora valorizando a miscigenação - e fundando o mito de que esta derivava de uma falta de preconceito do brasileiro, criador de uma "democracia racial" - mantinham o conceito de raça e mal disfarçavam o preconceito, associando ao branco todas as características culturais positivas do processo de miscigenação (os traços intelectuais, a capacidade de direção, etc.), restando atribuir aos negros uma contribuição na culinária, na música...

2) O próprio conceito de "raça" é muito discutido nas Ciências Humanas, como História e Antropologia. Como você vê essa questão?

Não há hoje, afora os fascistas mais empedernidos, quem sustente cientificamente o conceito de raça aplicado aos humanos, como se fez durante o século XIX e primeira metade do XX. A genética atual pode ter leituras mais conservadoras, mas já desmontou completamente a tentativa de classificar a humanidade por critérios raciais. As características fenotípicas e a cor da pele não dizem praticamente nada sobre as heranças genéticas das populações humanas.

No campo das ciências sociais, entretanto, o conceito de raça está associado à discussão da questão racial. Ou seja, seria muito bom se o cientista social pudesse simplesmente dizer que, por ser insustentável cientificamente a argumentação racialista, está abolida a raça e a questão racial. Mas, o preconceito e a desigualdade raciais continuam de pé na sociedade e é neste sentido que o conceito de raça - historicamente situado como necessário para analisar processos sociais, como o preconceito - ainda se faz presente no debate desses cientistas.

3) Muitos dizem que, pelo fato de os brasileiros serem "misturados", não há racismo no país. Você acredita que o racismo no Brasil, na verdade, é "dissimulado"? Isso seria um fator positivo ou negativo na luta contra a discriminação?

O racismo é negativo em qualquer das suas manifestações. Na forma explícita da segregação ou na forma dissimulada do "eu tenho até um amigo que é preto". Ou ainda na modalidade mais contemporânea que procura disfarçar sob o manto da diferença de "culturas" a velha discriminação racial, como se vê muito frequentemente nas manifestações racistas contra os imigrantes na Europa de hoje.

Para superar o racismo, não podemos tomar como positivo um suposto projeto de democracia racial da "sociedade brasileira" (como se esta fosse um ente homogêneo e não dividida por interesses e projetos de classe distintos). O mito da democracia racial é uma máscara que procura encobrir a realidade absurda de desigualdade racial, revelada por qualquer estatística (de acesso ao sistema escolar, ou de morte por policiais, por exemplo).

E não dá para dizer que o fato dos negros ganharem pior, terem menor escolaridade, morarem em piores condições, decorre da "herança da escravidão" que temos buscado superar. A ideologia da democracia racial foi construída a partir dos anos 1930, quando acelerou-se o processo de urbanização, expandiu-se a escola pública, diversificou-se o mercado de trabalho e de lá para cá a desigualdade racial manteve-se e aprofundou-se, sobrepondo-se e reforçando a desigualdade social.

Para quem sustenta que "somos um povo avesso ao preconceito", sugiro um passeio de ônibus pelas periferias de nossas grandes cidades. A primeira batida policial e a escolha "seletiva" dos que serão revistados/humilhados deverá ser suficiente para tirar qualquer dúvida sobre a presença do racismo entre nós.

4) Geralmente, a condição do negro no Brasil, muitas vezes forçado a posições subalternas, é vista como natural e não como historicamente construída. A que fatores você atribui essa situação?

A naturalização da desigualdade racial é uma herança da concepção racista, do cientificismo racista, que se entranhou no senso comum.

5) Quais seriam os primeiros passos para acabar com o racismo no Brasil? Quais você acredita serem os papéis de negros e brancos nesse processo?

O racismo no Brasil não é um caso isolado, embora em sociedades que viveram a escravidão moderna ele possa ganhar características próprias. Hoje, em todo o mundo dominado pela lógica do capital, o racismo está vivo, com manifestações cada vez mais violentas de ódio ao "outro". É um ódio ao "chicano" que "rouba meu emprego" nos EUA, semelhante ao ódio ao "africano" ou ao "árabe" na França, ou ao "turco" na Alemanha. Pouco importa se o "outro" é discriminado por ser de outra "raça" ou de outra "cultura", nos dois casos conceitos inventados para justificar a discriminação.

Do ponto de vista econômico, o capitalismo necessita gerar setores mais explorados e pior remunerados da classe trabalhadora e lhe interessa que essa divisão se internalize na própria classe, que só possuindo sua força de trabalho para mercadejar, o faz em uma situação de competição que se acirra nas condições atuais de desemprego estrutural e precarização das relações de trabalho. Ou seja, a questão racial possui um elo forte com a desigualdade de classe. Por isso, entendo que a solução definitiva para a questão racial não se dará nos marcos da sociedade de classes.

Isso não significa que não possamos ter propostas concretas para enfrentar o preconceito e a desigualdade racial hoje. Se raça e classe se combinam perversamente num capitalismo tão desigual quanto o brasileiro, acredito que as propostas para o combate da desigualdade racial e do racismo não podem ser "focalizadas", isto é, não podem tomar o problema como questão de uma "minoria"

corrigida por políticas pontuais. Políticas cujo objetivo de fundo é aliviar tensões sociais.

Um exemplo concreto está na questão das cotas. Defendo que devemos adotar políticas de cotas para negros oriundos de escolas públicas nas universidades públicas. Mas não como um percentual das poucas vagas hoje existentes e sim como novas vagas prioritárias, num projeto de expansão crescente das Universidades Públicas (com garantias de verbas públicas para ampliação das instalações, bibliotecas, laboratórios, pessoal docente e técnico-administrativo) em direção à superação da barreira do vestibular e à garantia de direito de acesso universalizada. O que não se resolve só no âmbito da Universidade, pois hoje somente cerca de 30% dos jovens que deveriam concluir o ensino médio o fazem, com um percentual ainda menor de negros e negras aí embutido. Ou seja, a universalização tem que começar de antes do ensino superior, e isso só será possível com garantia de condições de vida e de acesso ao ensino básico para a maioria da população.

Com certeza, esse é um desafio que deve ser enfrentado por negros e brancos, mas não tenho dúvida que essas questões só estão em pauta porque os movimentos negros vêm há décadas desenvolvendo uma luta social intensa. Não foi e não será por uma "iluminação" da classe dominante - quase exclusivamente branca - que o racismo será superado entre nós.